

**ENTREVISTA COM MARILDA APARECIDA DE MENEZES<sup>1</sup>**

Valéria Barbosa de Magalhães<sup>2</sup>

**“A história oral é uma metodologia de uma riqueza e uma potencialidade enormes, que se combina com uma perspectiva de migrações centrada nos sujeitos sociais, centrada nos migrantes e não nos processos”**

Filha de pai migrante sergipano, Marilda Aparecida de Menezes teve sua trajetória acadêmica marcada pela história pessoal: as migrações se constituíram em seu grande tema de pesquisa, campo no qual se tornou uma referência indispensável. Ela própria viveu a experiência de migrar: nascida no ABC Paulista, mudou-se para a Paraíba em 1981, onde fez seu mestrado e viveu até se aposentar da universidade.

Marilda terminou o doutorado na Universidade de Manchester, em 1997, fez pós-doutorado em Yale, entre 2004 e 2005, e na Unicamp, entre 2010 e 2011. Seu mestrado foi obtido na Universidade Federal da Paraíba, em 1985, onde deu seus primeiros passos no uso de entrevistas com migrantes.

É professora aposentada da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na Paraíba, onde trabalhou entre os anos de 2002 a 2012, até se aposentar. Foi professora visitante senior na Universidade Federal do ABC (UFABC), de 2012 a 2019. Hoje, é professora colaboradora da Unicamp e UFABC. É pesquisadora produtividade 1C do CNPq. Foi diretora e membro da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e fundadora e editora da Travessia: Revista do Migrante (CEM).

Na contramão dos estudos da época que frisavam o determinismo macro estrutural nas migrações, sua obra foi pioneira ao encarar, desde os anos 1980, os processos subjetivos que explicam os deslocamentos de pessoas, especialmente entre Nordeste e Sudeste e para além desse eixo.

---

<sup>1</sup> A entrevista foi realizada nos dias 28 de fevereiro e 13 de agosto de 2019, por Valéria Barbosa de Magalhães, no âmbito do projeto de pesquisa **Nordestinos em São Paulo e História Oral: Abordagem histórico-crítica**, com vigência 2017 a 2020, financiado pela Fapesp e coordenado por Valéria B. Magalhães. Transcrição: Aline Campos dos Reis (bolsista TT Fapesp) e Andréa Moreira Santana (bolsista PUB/USP). Conferência: Valéria B. Magalhães.

<sup>2</sup> Docente da EACH/USP. Orientadora no Programa de Pós-Graduação em Movimentos Sociais e Participação Social/USP. Doutora em História Social. Coordenadora do GEPHOM/USP (Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória/USP): ([www.each.usp.br/gephom](http://www.each.usp.br/gephom)). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6817-4192>. [gephom@gmail.com](mailto:gephom@gmail.com).

Dois conceitos são chave em seu trabalho: subjetividade e trajetórias. O primeiro é o mote para a compreensão de como as narrativas expressam vivências que são também coletivas. O Segundo remete às trajetórias familiares e de redes sociais que orientam os processos migratórios como estratégias dos agentes.

Em sua obra, os migrantes não são entendidos como vítimas passivas de processos estruturais, mas como agentes de escolhas e de projetos migratórios. Por meio dessas escolhas, criam estratégias subjetivas e familiares tendo em vista melhores condições de vida.

Tais percepções são uma inovação da obra de Marilda porque remetem aos anos 1980, quando a ênfase nas macroestruturas dava o tom aos estudos migratórios. Foi o trabalho com entrevistas, despontado logo no início de sua carreira, que permitiu um olhar diferenciado e sensível às trajetórias e às subjetividades, sem desprezar, porém, a importância dos dados estatísticos e dos contextos migratórios estruturais. Seus estudos têm quebrado paradigmas e desafiado conceitos rígidos sobre as migrações. Marilda sempre compreendeu os projetos migratórios como dinâmicos, como fenômenos que perpassam gerações e que envolvem movimentos complexos, incluindo o retorno ao lugar de origem.

Dentre diferentes influências acadêmicas no campo metodológico, algumas foram decisivas para seu olhar especial sobre as narrativas: o doutorado em Essex, que proporcionou um contato mais próximo com os trabalhos de Paul Thompson, e sua participação em diferentes momentos da Associação Brasileira de História Oral, tanto no Brasil, quanto no exterior. Autores como Edward Thompson, Portelli, Wright Mills e Michael Pollak fazem parte de sua formação.

No Brasil, leituras metodológicas de intelectuais como Maria Isaura Pereira de Queirós, José Carlos Sebe Bom Meihy e Verena Alberti inspiraram suas pesquisas, além da própria participação nas atividades da Associação Brasileira de História Oral, no início dos anos 2000. Tendo aprendido a fazer entrevistas no mestrado quase que intuitivamente, suas técnicas foram se aperfeiçoando no sentido de respeitar a voz do outro e de prestar atenção à profundidade e aos significados das narrativas.

Esta entrevista teve por objetivo conhecer a formação metodológica de Marilda Menezes com o uso de narrativas nas pesquisas das migrações. Em seu relato, destacam-se dois aspectos essenciais: sua própria trajetória pessoal e acadêmica como pesquisadora das migrações por meio da escuta de histórias; e seu entendimento de que os sujeitos migrantes são parte de uma coletividade sobre a qual as narrativas contam.

A entrevista também aborda aspectos técnicos sobre a maneira como Marilda faz e analisa entrevistas, aborda questões da relação de confiança entre entrevistador e entrevistado, da formação de alunos e orientandos com o método de história oral ao longo de sua carreira, da

relação entre métodos qualitativos e quantitativos nas Ciências Sociais e da importância da história oral para os estudos migratórios.

Este texto não daria conta da importância e da grandeza da obra de Marilda Menezes para os estudos das migrações internas no Brasil. Foram seus escritos que propiciaram que pesquisadores de todo o país compreendessem que os sujeitos migrantes são agentes de seu destino, que eles elaboram complexas estratégias familiares e pessoais em direção a uma vida melhor e que nem sempre a saída do lugar de origem tem por objetivo a permanência no destino, mas sim o investimento na permanência no lugar de origem, junto à família.

Além disso, ao longo de sua carreira acadêmica, Marilda formou pesquisadores e professores que hoje atuam no campo das migrações internas e que trabalham com narrativas. Como professora e orientadora, formou inúmeros acadêmicos que hoje utilizam as entrevistas para a compreensão dos processos subjetivos e das trajetórias migratórias.

O trabalho seminal de Marilda, representado por textos como *Histórias de Migrantes* e *Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes*, além de original desde os anos 1980, se constitui principalmente em ensinamento para todo e qualquer acadêmico que pretenda estudar as migrações internas no Brasil desde uma perspectiva global, considerando suas dimensões subjetivas, micro e macrossociais.

A leitura da entrevista de Marilda Menezes é, portanto, uma oportunidade de aprendermos com a trajetória de uma pesquisadora experiente e à frente de seu tempo, que muito tem a nos ensinar sobre como fazer e analisar relatos de migrantes.

ENTREVISTA COM MARILDA APARECIDA MENEZES:

Valéria (VBM) - Marilda, gostaria de começar com algumas perguntas amplas sobre a sua trajetória com o uso de entrevistas. Primeiro, gostaria que você falasse sobre sua experiência metodológica nas pesquisas, especificamente de migrações do Nordeste para o Sudeste. Qual é a sua experiência metodológica nesses estudos, que métodos e técnicas você vem usando e como isso se deu?

Marilda (MAM) - A minha experiência com migrações remonta à região do ABC onde estudei Ciências Sociais, eu nasci na região de São Caetano do Sul. No final do curso, por causa de todo o contexto político da época, montamos a Associação de Sociólogos do ABC. Os colegas mais à frente dessa associação estavam muito engajados politicamente, então propuseram um curso de alfabetização de adultos em um bairro da periferia. Na verdade, era uma favelinha que tinha se formado aqui em Santo André. Isso foi 79, 80.

Eu estava muito envolvida com a Associação dos Sociólogos do ABC e também com movimentos de bairros e com toda aquela evolução política dos movimentos sociais da região. Acabei me engajando em uma experiência da educação popular com o método Paulo Freire com outros colegas, inclusive com companheiros militantes de grupos de esquerda que resistiram durante o período militar e que estavam meio silenciados, mas que, nos primeiros momentos de possibilidade de abertura, ganharam visibilidade novamente. Eles estavam muito engajados no movimento social do ABC. Na época, tinha o José Nanci, vereador eleito do PT aqui de Santo André. Conjuntamente com ele e com outras pessoas do Jardim Estela, me engajei nessa experiência de educação popular.

Nessa favela, eram basicamente migrantes do chamado sertão de Cajazeiras, dos municípios de Bonito de Santa Fé, Monte Horebe e São José de Piranhas. Isso foi em 1979, 1980, até então, eu trabalhava com a experiência da educação popular, nós tínhamos um grupo de estudos na ASABC. Eu trabalhava em uma empresa, era a secretária bilingue na Glasurit, indústria química de tintas produtora da marca Suvinil, que se localizava próxima à Volkswagen, em São Bernardo do Campo. Como é próprio da trajetória dos moradores operários do ABC, a minha família é nordestina. Meu pai é sergipano, eu me criei em um ambiente nordestino.

Na pesquisa das palavras do universo vocabular, das palavras-chave, já começou a aparecer o vocabulário do sertão: seca... O que eu me lembro mais mesmo era a seca, que era recorrente, então ela entrou no universo vocabular do curso de alfabetização. A minha experiência de conversa com eles na alfabetização remetia sempre à vida das áreas rurais de onde eles vinham. Além disso, no convívio com eles no dia a dia, a gente chegava antes do horário do curso e

ficava depois, era praticamente um território paraibano. Pessoas indo e voltando, indo e chegando. Em 1980, meu então namorado foi contratado pela UFCG (na época, era UFPA). Eu tinha terminado a graduação em 78 e comecei a pensar em uma possibilidade de proposta para o mestrado. A única coisa que me envolvia totalmente era a questão das migrações do Nordeste para São Paulo. Não saberia explicar, rememorando, se eu processava racionalmente ou afetivamente que era a minha ligação com a família, mas acho que tinha uma coisa muito forte da relação com essa experiência mais recente, mas muito mais com a experiência da família.

VBM - Já estava na sua vida?

MAM - É, depois de anos de pesquisa, acho que é aquele ensinamento do Wright Mills que aprecio muito: o nosso objeto está vinculado a nós mesmos, às nossas trajetórias de vida, às nossas famílias, às nossas buscas. Não tenho dúvidas, acho que é uma procura de mim mesma, da minha família, das minhas raízes.

Cresci em um ambiente nordestino, eu tinha uma ligação muito forte com a minha avó. Só vim entender as histórias que ela contava quando conheci o lugar em que ela nasceu, que se chama Telha, na beira do São Francisco. Só conheci em 83, quando eu fiz uma viagem com meu pai que retornou... Ele saiu em 50, 52... E não retornou nunca mais para lá. E nós, em vez de estarmos em Campina Grande, fizemos uma viagem para Sergipe sem endereço de ninguém. Chegamos na cidade de Aquidabã. Chegamos na igreja, sabe o que lembro? Ele olhou para a igreja e disse: “meu tio morava aqui”. Nós estávamos na calçada do tio dele, irmão do meu avô. Então, cresci neste ambiente muito nordestino, meu pai é uma cultura fortíssima, mesmo esses anos todos em São Paulo, ainda mais o sotaque, o gosto pela música, as comidas que sempre adorou. Ele casou com uma paulista, pois foi para a região do café em Araçatuba e conheceu minha mãe lá. Acho que tem uma coisa muito afetiva, emocional, de trajetória de família, até hoje. Ontem, teve uma defesa de uma menina que fez um trabalho sobre os territórios de Sobradinho e de Bocaina e eu estava justamente falando para ela: “saudades de voltar para o sertão”. Cada vez que vou a campo, vários rostos das pessoas que vejo, é como se estivesse vendo meu pai e minha avó, é uma relação muito forte emotiva, afetiva.

Então, fiz esse projeto de trabalhar com essas famílias na minha dissertação de mestrado. Eu parti daqui, dessas famílias do ABC e elas me deram os endereços dos sítios onde moravam e tentei localizar os pais de lá. Entrei em 82, mas em 81 eu já estava fazendo a pesquisa, já tinha ido lá localizar os pais. Então, quando entrei no mestrado, eu já tinha iniciado a minha pesquisa. Talvez pela questão afetiva de família, de ter essa vivência tão próxima com nordestinos no bairro onde eu morei e nasci, a Vila Gerti em São Caetano do Sul, não pensei em outra

metodologia. Na época, nós não falávamos em metodologia da história oral, mas eu não pensei em outra técnica de pesquisa que não fosse a entrevista.

VBM - Você usava as entrevistas e usava alguma outra fonte para complementar?

MAM - Na época, eu me fundamentei essencialmente em entrevistas com roteiros semiestruturados.

VBM - E quem te ensinou? Como é que foi isso, esse comecinho? Você leu, foi tentando?

MAM - É difícil eu lembrar. Na graduação nós tínhamos a disciplina de métodos de pesquisa, uma iniciação em métodos de pesquisa, eu sabia minimamente como fazer uma entrevista. O curso de Ciências Sociais da Fundação era muito bom, muito estruturado e na disciplina de Sociologia do Desenvolvimento eu tinha tido um tópico importante de migrações, era uma professora muito boa. Em Métodos de Pesquisa a gente teve uma experiência de pesquisa com aplicação de questionário e algumas entrevistas com operários no ABC. Não tinha iniciação científica na época. Era um curso noturno, eu trabalhava em uma empresa (trabalho desde os quatorze anos). Terminei o oitavo ano, antigo ginásio, o colegial e fui para a faculdade à noite. Mesmo assim, no sábado a gente tinha que ir sempre se adaptando, tinha uma iniciação e o curso tinha uma boa articulação tanto da parte teórica, como iniciação em pesquisa.

VBM - Você gravava essas primeiras entrevistas do mestrado?

MAM - Eu fui muito cuidadosa, não consigo me lembrar se tinha uma orientação da própria formação do mestrado ou se era uma coisa mais minha. Fiz um trabalho muito vagaroso de aproximação com as pessoas e, no final, gravei 70 a 80 horas, mas perdi uma parte, até hoje tenho essa pendência na vida. As fitas cassete eu pedi para um aluno passar para MP3, então uma parte está salva e tenho muita coisa transcrita, mas estava datilografada. Eu que transcrevi as 70 horas, então contratei uma estagiária, mas você sabe, a gente trabalhando demais, né? Eu já tinha 70 horas de gravação, um material fantástico lá do Sertão e aqui do ABC, chega a dar vontade de chorar. Lembro que eu perdi, tudo embolorado. Antes da mudança, fui trabalhando isso, analisando, organizando, contratei por minha conta alguns alunos, mas depois eu não fui dando continuidade na organização do material. Inclusive, quero depositar em algum lugar isso.

VBM - É difícil dar conta porque a gente precisa de tempo...

MAM - E de recursos, de um apoio técnico e do tempo nosso de acompanhar. Fui muito cuidadosa nas etapas da pesquisa. Tenho uma primeira etapa que chamo etapa exploratória, que eu chegava nas pessoas, não gravava, mas conversava, me apresentava, ia conquistando a confiança. Na segunda vez, já ia com um roteiro, tentava gravar. Em geral, eu ia duas a três vezes entrevistando as mesmas pessoas com um roteiro semiestruturado, mas deixava sempre muito à vontade, dava um mote inicial e deixava eles falarem livremente.

Tanto lá como aqui, foram entrevistas muito longas porque no sertão a oralidade é o ritmo do tempo. Mesmo que eu chegasse em um sítio em que as pessoas estivessem roçando, plantando, elas paravam para me atender com todo o tempo do mundo. Como o transporte era difícil, muitas vezes, alguém da cidade me levava no lombo de um burro, era conduzida em jegues, cavalos, todo tipo de transporte local. Nunca lamentei tanto por não saber andar de cavalo!

Fiz entrevistas longas, em profundidade, não eram um diálogo monossilábico de perguntas e respostas. Com os pais, a entrevista era mais centrada nas condições do campo e, com os filhos, na experiência da migração e na vida na cidade porque uns trabalham e vivem em moradias na cidade. A minha dissertação era da Paraíba para São Paulo e de São Paulo para a Paraíba. Tem dois capítulos que nunca publiquei, muita gente fala que deveria publicar. Trabalhei com as transformações do sertão na virada da década de 70 para 80, mas tudo com base na oralidade. Como tinha 70 horas de gravação, não consegui aproveitar nem 20%. Isso foi nos anos 80, Nem circulava ainda essa ideia de metodologia da história oral, foi posteriormente que se construiu aquilo que nós chamamos de um campo metodológico.

VBM - Pelo o que eu entendi, você usou entrevistas em diversos momentos das suas pesquisas, até hoje...

MAM - O tempo todo, todas com história oral.

VBM - Ao longo do tempo, suas orientações técnico-metodológicas foram mudando? Você foi se identificando com algum método específico, seja da história oral ou com outro? Que nome você foi dando para essas entrevistas que utilizou? Com quais autores você se identificou ao utilizar entrevistas, ao longo da carreira?

MAM - Sabe que, nessa fase do mestrado, não consigo me lembrar, acho que foram livros mais gerais de metodologia qualitativa. Eu precisaria rever... Foi uma boa pergunta, gostei disso... Terminei o mestrado em 1985, aí já estava no Centro de Estudos Migratórios, o CEM, e tivemos algumas atividades de pesquisa com entrevistas. Ainda não era propriamente história oral com histórias de vida. Tem um conjunto de entrevistas que fizemos, cujo resultado parcial está naquele livro *Histórias de Migrantes*. Você conhece? É um livro de histórias mesmo, nós resolvemos publicar as histórias, só organizar, editar e tal. Esse acho que foi o trabalho mais relevante de entrevistas porque nós fizemos várias outras entrevistas no CEM, mas o que foi a partir de uma ideia de um projeto e que resultou em um produto organizado que foi o *Histórias dos Migrantes*.

VBM - Elas ficaram arquivadas no CEM?

MAM - Imagino que estejam todas lá porque acho que só publicamos umas 12, a gente entrevistou mais de 25, espero que estejam. Bom, no caso deste projeto *Histórias de Migrantes*, a nossa ideia era fazer histórias de vida naquela linha que a Maria Isaura nos ensina, que história

de vida é a trajetória completa, que você não tem um roteiro propriamente, que você retorna várias vezes. Eu não me lembro agora, o que me lembro, nem sei se está lá de fato no livro, mas os textos da Maria Isaura que sempre foram uma referência. Tinha o da Aspásia também, mas já estou misturando os tempos, não sei se naquele tempo estava presente. Escrevi no apêndice do livro *Histórias de Migrantes* que quando você faz entrevista, às vezes, a sua expectativa é a história de vida e, às vezes, resulta em um diálogo monossilábico de perguntas e respostas. Outras vezes, são entrevistas temáticas no sentido que o Meihy define como história oral temática. Vou dar exemplo que me lembro bem: um grupo que nós entrevistamos de camponeses que migrou para o Paraguai e que retornou, foi em um momento em que um grupo deles tinham retornado e estavam acampados, não sei se no Mato Grosso ou se estavam em Rondônia... Tinham passado a experiência recente do retorno que foi muito violento, da perseguição do Stroessner, aquele problemas todo. A gente queria fazer entrevistas de história oral, mas ele queria contar sobre todo o drama de voltar para o Brasil. Nós tínhamos eticamente, claro, que respeitar e dar voz ao que era relevante para ele no momento. Uma coisa é a proposta de que tipo de entrevista nós vamos fazer, outra coisa é o que efetivamente acontece nesse processo de fazer entrevista. Então, é sempre assim, se propõe a uma coisa e, quando você vai terminar a pesquisa e que você vai apresentar os resultados, você tem que dizer: “bom, agora o que resultou é uma mescla de entrevistas semiestruturadas e histórias de vida”. E isso é ótimo porque não era uma camisa de força que tivesse que ser história de vida, o que conta mais é o processo de interação e a produção conjunta com o entrevistado. Isso está acima de tudo na história oral.

Neste momento, eu não me lembro se eu já conhecia o trabalho do Paul Thompson, mas a inspiração era um pouco na linha dele, que era dar voz ao outro. Aí, nesse projeto de história de migrantes era mesmo dar voz. A ideia era perseguir os fluxos que nós entendíamos que caracterizavam as migrações do Nordeste a São Paulo nos últimos 30, 40, 50 anos. A gente pegou Nordeste/São Paulo, pegamos Sul/Fronteira, Sul/Norte, o pessoal da fronteira, o movimento dos brasiguaios, a questão emergente dos migrantes temporários. A gente pegou os quatro grandes grupos, o nosso entendimento é que eram os grandes fluxos que marcavam as migrações nessas quatro décadas. Aí procuramos fazer as entrevistas perseguindo um pouco essas trajetórias. A inspiração da pesquisa foi essa e o livro resultou da pesquisa.

Olhando o passado, a inspiração foi bem nessa linha do dar voz, não só dar voz, foi mais do que isso, foi dar voz, e respeitar a voz porque nós não fizemos o trabalho analítico, nós publicamos só as entrevistas. Publicamos conteúdo original, entre aspas, porque foi editado. A gente remontou em uma sequência quase cronológica. Bom, podemos questionar, mas nós explicamos porque fizemos isso. Foi uma proposta de construção, de edição pessoal que tem

certa utilidade porque permite você ver uma narrativa da trajetória, a conexão entre uma fase e outra da vida, mas por outro lado, do ponto de vista da memória, tem outras implicações. Agora mesmo, nós conversando aqui, eu vou, volto, estou falando com você e tentando me controlar porque já vêm vindo outras coisas laterais de outros tempos.

VBM - Você ganha em uma coisa e perde em outra...

MAM - É, perde em outra... Então, a inspiração era bem essa da linha Thompsoniana. Bom, isso foi no período do CEM, em 1988... Como é que eu começo a participar mais das coisas de história oral? Acho que já nos anos 90... Quando eu comecei a tomar contato com a articulação desta metodologia da história oral. Eu fiz doutorado na Inglaterra.

VBM - Você conheceu o Paul Thompson?

MAM - Conheci em Essex. Eu ainda estava muito influenciada pela visão do Thompson. No doutorado, eu ainda tinha um pouco essa visão, mas ao longo do curso fui modificando muito e questionando essa visão da autenticidade da voz dos entrevistados, tentando problematizar, trabalhando muito mais com a linha do nosso lugar de interpretação dessas falas, sem a pretensão de entender a narrativa como uma voz autêntica, uma voz da verdade e trabalhando muito mais na linha de uma narrativa, de uma representação, de uma produção de si para o outro, nessa linha do Pollak, com história e identidades.

As entrevistas que fiz para o doutorado foram com migrantes do agreste da Paraíba, não mais do Sertão, aqueles em especial que trabalhavam na cana em Pernambuco, foi com migrantes temporários. Só que eram migrantes cujas trajetórias haviam passado por São Paulo também. Então, nunca me desvinculei, sempre trabalhei nos estudos das migrações. Mesmo se eu reporto um movimento migratório mais específico, sempre estou trabalhando com a trajetória completa dos indivíduos. Essa também é a metodologia. Foi excelente para mim porque eu acho que, nos estudos de migrações, quando você trabalha com sujeitos migrantes, mesmo que centralize em um momento específico, em uma temporada da vida deles ou de um movimento migratório específico, você não pode compreender sem associar à trajetória de vida dessas pessoas.

Queria contar uma coisa: na época da dissertação do mestrado, quando comecei a trabalhar no CEM, a minha pesquisa foi de mais de 70 horas de gravação, eu tinha muito fragmento. O capítulo cinco é basicamente centrado em um termo central das narrativas deles que era o termo “ilusão”, “São Paulo é tudo uma ilusão”. O último capítulo era sobre o que significa essa frase de que São Paulo era uma ilusão. Tinha uma colega, uma professora demógrafa que frequentava o CEM (não sei do destino dela hoje), que vinha junto com a Neide Patarra e nos ajudava a organizar os seminários. Eu nem tinha defendido ainda, ela me marcou profundamente, acho que agora eu posso falar... (risos) Quando comentei que estava fazendo entrevistas de histórias de vida, que eu essencialmente não estava trabalhando com dados quantitativos!...

Acho que eu tinha uma certa rejeição aos dados quantitativos, à perspectiva mais demográfica, mas mudei muito, eu aproveitei também. Acho que os demógrafos também se modificaram muito com a metodologia. Na época, conversei com ela muito entusiasmada, sempre prezei muito as entrevistas por causa dessa interação com as outras pessoas. Sempre tive um envolvimento emocional muito forte com essa história de fazer entrevistas. Acho que até quando eu estiver bem velhinha, não vou conseguir parar de fazer entrevistas. Menina, a reação dela: “ah, mas isso não é metodologia...”, não lembro exatamente as palavras, mas ela questionou a legitimidade metodológica. Fiquei paralisada! Eu tinha vinte e três anos, talvez um pouco mais velha, mas em 84 eu era uma menina, estava me formando, insegura e estava convicta da minha opção. Estava convicta em termos da leitura metodológica e convicta também de que só queria aquilo, não queria outra metodologia. Fiquei muito chateada, mas não me abati, falei: “não vou deixar de usar essa metodologia...” Mas, desde então, nunca mais tive coragem de ir à ABEP.

Passados os anos, reencontrei a Neide Patarra no seminário na UNICAMP: “por que você não participa da ABEP?” Aí teve uma mesa e a Neide sempre foi muito entusiasta da metodologia qualitativa, das entrevistas, a Neide sempre foi uma demógrafa muito mais aberta. Com ela existia uma interlocução. Falei um pouco da metodologia e ela: “essa experiência é legal!”, aí eu falei: “Ai Neide, finalmente uma demógrafa que valoriza o que eu faço!” Ela disse: “Marilda, achei muito legal o que você faz”. Mas eu relembrei os meus 23, 24, 25 anos, lá no início da carreira, me marcou muito. Conversando com a Rosana Baeninger algumas algumas vezes: “ah, por que você não vai na ABEP?”, falei: “Ai Rosana não me curei do trauma...” Ela disse: “não, os demógrafos se modificaram” e, de fato, houve muita mudança.

Tem uma série de demógrafos que trabalham muito próximos dos campos da metodologia qualitativa, da história oral. Eu reconheço que tenho esse limite do quantitativo, até hoje não tenho familiaridade com pesquisa quantitativa, software. Trabalhei em muitas pesquisas em equipe, com métodos quantitativos, mas sempre buscava apoio com meus colegas que são especialistas porque eu tenho dificuldade. Não tenho rejeição metodológica, pelo contrário: refiz completamente. O meu mestrado em Campina Grande acho que foi um momento das Ciências Sociais qualitativas e uma rejeição meio sem critério dos métodos quantitativos. Acho que isso já foi feito em todos os lugares. Então, eu reconheço a importância e os meus limites para o quantitativo.

Sobre os autores que li, eu fui acompanhando quando estava na diretoria da Associação Brasileira de História Oral, acho que de 2002 a 2004.

VBM - Então você conhece as pessoas da associação?

MAM - Conheço todo mundo, eu fui também da internacional, acho de 2001 a 2003. Estava muito envolvida. Na internacional tive que entrar, nunca queria ir, estava lá naquele congresso internacional tinha meia dúzia de nós: a Marieta, eu a Olga, a Beatriz, quem mais? Aquela menina do Rio, aí eu esqueço o nome dela agora...

VBM - É a Verena?

N. A Verena estava, dividiu quarto comigo, mas tinha uma outra também, me escapa o nome dela agora. A Marieta colou em mim, eu tinha acabado de sair há pouquíssimo tempo da Associação Brasileira, em 2006, acho. Aí nós tivemos um encontro regional em Campina Grande e deu super certo, tinha quase 500 pessoas e foi super legal. Falei: “Não Marieta, eu só aceitei a representação do Nordeste porque era um momento que eu poderia, hoje eu não posso mais, se não eu faria”. O Montenegro estava, ele também: “Marilda, você tem que aceitar, você fala inglês”. Eu: “está bem”. Foi uma gestão difícil para mim porque meu filho teve um problema de saúde e eu não conseguia me dedicar muito, mas fui para o encontro no México e tudo.

Acompanhando a discussão no campo da história oral, tenho muita admiração pelos autores, não sei se posso falar dos autores...

VBM - Sim, porque um dos objetivos é identificar essas influências.

MAM - Tenho muita admiração pelo Sebe. Eu até estava naquele encontro da USP<sup>3</sup>, fiquei muito abalada com a fala da Daphne. Adoro os trabalhos dela, uma pesquisadora e tanto, mas acho que não havia necessidade daquilo, sabe? Não gosto, sou uma pessoa que não lida bem com esse tipo de ataque e o cenário que aconteceu. Tenho o maior respeito por ele, já me distanciei da visão do Sebe, mas com muito respeito, tenho a maior admiração por aquele livro que ele fez sobre os Kaiowá, achei muito lindo.

São olhares, são modos diferentes de campo metodológico da história oral, mas acho que nós devemos respeito a todos. Eu me distanciei mais dessa perspectiva que o Sebe trabalha. Cada vez mais, fui para uma perspectiva mais na linha da Verena, da hermenêutica, interpretativa e gostaria de trabalhar com a história oral situando essas narrativas em uma linha de análise de discurso: o lugar posicionado, os jogos de interesse, as intencionalidades, as historicidades dessas falas. Isso é uma coisa e outra é o investimento mesmo na análise narrativa, da linguagem, mas eu ainda não avancei muito em termos de um diálogo com a linguística. Seria muito profícuo na história oral e eu adoraria ter uma experiência que avançasse nesse sentido porque tudo o que eu tenho feito é muito intuitivo, precisaria de um investimento maior epistemológico. Desde o doutorado, trabalho em uma linha que é de migrações e de relações de

---

<sup>3</sup> Mesa 3: Entre saber e política. Daphne Patai e José Carlos Sebe Bom Meihy. **IX Encontro Sudeste de História Oral: Diversidade e Diálogo** (2011).

trabalho, é sempre essa conexão de migração e trabalho, que segue essa perspectiva das práticas de resistência no cotidiano.

Tenho me inspirado muito em uma linha de James Scott, que é um antropólogo americano com o qual eu fiz doutorado, cuja atenção à linguagem é muito forte para compreender práticas de resistência. Então, isso casa perfeitamente com a história oral, e que se aproxima também de certo modo com a perspectiva do Foucault. Onde eu me situo, não me sinto ainda em um estágio em que haja um apego suficiente, acho que é uma proposta de caminhar no plano de que a metodologia da história oral é um investimento. E na relação com psicanalistas, que é um outro lado da história oral que eu acho que nós não temos muitos investimentos e que eu adoraria fazer. O Paul Thompson tinha uma equipe interdisciplinar na Essex muito legal. A primeira mulher dele era psicanalista e eu acho que nós não temos muito esse escopo interdisciplinar para trabalhar no Brasil. Na Antropologia, por exemplo, a oralidade é a fonte, aí você tem o pessoal da Comunicação, com o pessoal da Semiótica, aí tem o historiador que nunca trabalha com a fonte só oral, sempre combina com um documentos, para eles tem que combinar com a fonte documental.

VBM - Quando você começou essas entrevistas, e também nos dias de hoje, alguém cobrava para pedir autorização dos entrevistados?

MAM - Não, de jeito nenhum, não havia essa necessidade. Nós não tínhamos orientação para pedir e até hoje isso é um problema porque, com trabalhadores especialmente no Nordeste, a confiança na pessoa está acima de tudo. Em uma sociedade com grande número de iletrados, se você apresentar um documento, aí a desconfiança é total, dificilmente a gente conseguiria. Uma que eles não sabiam assinar, não sabiam ler e nem escrever, outra que, mesmo que eles soubessem, seria um sinal de desconfiança porque a autorização é a confiança na pessoa.

Claro que não sou contra a questão da autorização, acho que é importante, é um mecanismo de proteção para o próprio sujeito da pesquisa, mas a gente precisa ver os contextos de letramento, de relações sociais, as expectativas em relação à interação entre o pesquisador e o entrevistado. Até hoje, nos pequenos municípios das áreas rurais, se eu for pedir autorização posso pedir oral, mas eles não estão nem se ligando: “agora tá gravando?” Porque eles não vão perceber que isso é um documento porque a legitimidade da cultura oral, da cultura, da relação pessoal, da interação, do face a face, é muito forte. A minha pesquisa foi toda nesse cuidado ético e metodológico de construir uma relação de confiança, de respeito.

VBM - E hoje, a instituição na qual você está, na UFABC, ou antes de você se aposentar, as universidades estavam te cobrando isso?

MAM - Não, Campinha Grande não cobrava, agora, a UFABC com certeza, todo aluno tem que entrar na comissão de ética, isso aí não tem como escapar. A orientação geral do programa,

da grande maioria dos professores na disciplina de métodos, é que eles encaminhem. É necessário, não há dúvida, não vou discordar. No encontro nacional que houve na Unicamp teve uma mesa muito legal, até lamentei de não ter gravado, não sei se eles vão publicar. Foi muito interessante, mas muito incisiva na necessidade de ter as autorizações. Saí de lá mais assustada ainda, que disse: “Ah, até os antropólogos! História oral também?” Entre os historiadores sempre foi uma praxe regular. Você vai olhar os manuais, até o do Sebe também tinha.

VBM - Mas era uma carta de cessão, não essa autorização de agora. Agora, isso está sendo institucionalizado.

MAM - Ah claro, mesmo o manual da Verena também é uma carta de sessão. Você tem razão, não é que passava no comitê de ética, aquelas coisas.

VBM - No campo da história oral, por exemplo, é uma carta em que o entrevistado te dá o direito de cessão. É uma coisa simples para as editoras, mas agora está acontecendo uma coisa de outra natureza.

MAM - É, são os comitês de ética em pesquisa. Aqui na UFABC, todas as pesquisas passam pelo comitê de ética, para todos os alunos já pediram. Tive uma orientanda que trabalhou com mulheres refugiadas e ela não começou as entrevistas enquanto... Especialmente pelo personagem, era uma situação de refúgio, de risco, então isso também é importante. Ela é formada em Direito, então achou que tinha que ter todo o amparo legal.

VBM - Marilda, queria fazer duas perguntas que ficaram faltando. Uma delas é sobre a formação dos seus grupos de pesquisa, de seus alunos e orientandos, em relação ao uso de entrevistas, essa parte técnica e teórica, sobre como você faz com eles. E a segunda, para encerrar, seria uma avaliação de sua parte sobre a importância do uso de entrevistas, especificamente nos estudos migratórios, mas especialmente nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste. Então seriam essas duas questões, a formação dos seus grupos de pesquisa, a perpetuação da sua prática de pesquisa com história oral, e depois a relação com os estudos migratórios.

MAM - Valéria, na verdade, eu nunca tinha pensado sobre isso, mas agora é oportunidade de pensar um pouco. Na verdade, eu uso história oral desde o mestrado, acho que eu já relatei isso, desde a pesquisa do mestrado de 1980. Só que, naquele momento, a gente não falava, nem era conhecido como história oral, era entrevista semiestruturada, histórias de vida, mais na linha das Ciências Sociais, você vai na linha de metodologia qualitativa.

VBM - Você chegou a usar método quantitativo alguma vez nas suas pesquisas?

MAM - Não usei, no mestrado não. Usei um pouco mais no doutorado, mas só para divulgar, com base no IBGE, alguns aspectos demográficos, agropecuários, e fiz umas aplicações de

questionários também para identificar movimentos migratórios, mas não tinha o rigor do método quantitativo, não tinha representatividade estatística, nada. Era uma coisa só para registrar dados mais objetivos, mas estive em equipes de pesquisa que trabalharam com muito rigor dos métodos quantitativos, vários temas de pesquisas interdisciplinar com o uso de métodos quantitativos e qualitativos, um deles era uma pesquisa de migrações chamada *Perspectivas de migrações dos jovens nas áreas rurais da Paraíba*, acho que pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário. O governo Lula queria saber se as políticas públicas de incentivo ao meio rural estavam conseguindo reverter um pouco a tendência histórica dos jovens dentro das áreas rurais. Então, nós fizemos uma pesquisa com cerca de 700 ou 800 questionários. Foi super imensa, até hoje nós trabalhamos os dados. E os colegas, um economista, uma geógrafa, ambos muito bons em métodos quantitativos, rodaram esses dados no SPSS e aí foi toda a parte deles. Para ser sincera, eu já trabalhei com as tabelas e com a marcação dos dados. Minha parte, sempre a parte da entrevista, isso ficou mais comigo pra analisar. Então foi isso, mas eu mesma não tenho familiaridade com métodos quantitativos.

VBM - Mas você vê diferenças e relevância do uso dos métodos qualitativos em relação a esses estudos migratórios, quando você compara com o uso de métodos quantitativos?

MAM - Na verdade, as Ciências Sociais no Brasil têm uma marca muito forte da metodologia qualitativa, isso há algum tempo e isso já é bem questionado, praticamente superado. Confesso que em certos momentos eu tive até um certo preconceito no período do mestrado.

VBM - Com os quantitativos, você quer dizer?

MAM - Sim, com os métodos quantitativos que não explicariam nada, que achatavam a realidade, eliminavam as especificidades do social. Estou elaborando essa linguagem hoje, não elaborava assim na década de 1980. Superei totalmente essa perspectiva, pelo contrário, acho que são métodos diferenciados, de estilos diferenciados que têm alcances também diferenciados. O quantitativo, no caso das migrações, um exemplo bem concreto: do ponto de vista da discussão de migração de retorno é extremamente relevante trabalhar com dados quantitativos porque a gente pode argumentar a partir de histórias de migrantes que retornaram. Já fiz várias entrevistas com migrantes do ABC que retornaram para a Paraíba, outros já se aposentaram. Não sei se eu te falei, eu reencontrei um que eu entrevistei em 83 no sertão da Paraíba...

VBM - Ah é? Essa entrevista deve ter sido incrível.

MAM - Sim, 30 anos depois. Fui lá na Paraíba tentar reencontrar alguns dos que eu entrevistei. A história oral pode mostrar a importância do ponto de vista da experiência migratória, só que fica sempre faltando a relevância em termos desse movimento diretor para entendermos efetivamente o movimento migratório. Aí os dados quantitativos ajudam muito, embora eu não

faça os levantamentos, não esteja trabalhando com as derivações das tabulações especiais do IBGE, eu valorizo muito e acho que para mim são um apoio enorme os pesquisadores que estão trabalhando com esses dados. Entendo que a gente não precise de forma alguma validar a nossa metodologia, validar metodologicamente no quantitativo, não é isso. Tem que somar conjuntamente. Estou dizendo isso inclusive em um diálogo com historiadores, eles usam a história oral para complementar o ponto de vista, eles sempre têm uma dúvida sobre a fonte oral. Posso ter me perdido bastante, nos últimos anos, não ter acompanhado mais de perto tudo o que tem sido discutido nos encontros - porque eu me afastei um pouco, sem ter lido muitas revistas, já estou bastante atrás por falta absoluta de tempo - mas até onde eu acompanhei, acho que isso é uma coisa corrente, é quase um consenso entre os historiadores, desde aqueles maiores defensores da história oral. Eles não se fiam puramente na fonte oral, sempre trabalham com outros documentos também. A complementaridade das fontes é muito forte para os historiadores.

Voltando à questão da formação: na universidade, quando eu comecei a me aproximar mais do campo institucional da história oral, acho que durante e logo após o doutorado em 95, 96, quando a associação já estava bem articulada e já aconteciam os encontros, eu comecei a ministrar uma disciplina “Tópicos Especiais” porque na grade curricular a gente sempre tem aquelas disciplina “Tópicos”, “Tópicos especiais”, “Seminários especiais”, acho que cada universidade tem um nome. Aí propus uma disciplina de metodologia da história oral, trabalhando um pouco o campo institucional, o que é história oral, o que é metodologia e o que é técnica, como cada uma das ciências, como a História e a Sociologia, entra nesses debates, concebe essa metodologia e um pouco das teorias de memória.

VBM - Marilda, isso lá na Paraíba?

MAM - Isso na Paraíba, na graduação. Para a minha surpresa, no primeiro semestre que eu propus foi o curso de maior audiência. Achei incrível, menina! Porque eu falei: "Ah, não vai ter meia-dúzia de gato pingado".

VBM - Então, podemos dizer que logo no seu doutorado você já estava preocupada com essa formação dos alunos?

MAM - No doutorado ainda não, porque eu estava muito voltada à tese, mas assim que eu voltei do doutorado da Inglaterra, voltei a dar aula, já comecei a me preocupar com a formação para poder pôr nas disciplinas. Foi muito legal a experiência dessa disciplina, eu acho que eu ainda dei um outro tópico mais avançado, desdobrando as teorias de memória. Dei várias vezes esse curso, acho que se eu procurar nos arquivos até tenho... Dei no Departamento de História. Isso foi na graduação, eu já não lembro exatamente a data.

Nós fizemos uma reformulação na pós-graduação da estrutura curricular, não me lembro exatamente o ano, início dos anos 80, não me lembro, teria que consultar os documentos. Bom, enfim... Os próprios colegas, na reformulação da estrutura curricular da pós-graduação, do mestrado e doutorado, propuseram uma disciplina de etnografia com dois créditos e uma disciplina de história oral e memória, já considerando que era relevante produzir nesses termos. Não fui nem eu que reivindiquei, na época, acho que já havia uma sensibilidade e eu já vinha de certo modo investindo nessa discussão, então, o pessoal reconheceu e aí no mestrado a gente tinha essa disciplina.

VBM - Deixa só eu entender, essa pós-graduação era em Ciências Sociais?

MAM - Era, em Ciências Sociais.

VBM - Na UFPB, né? Não, em Campina Grande...

MAM - Era da UFPB, mas em 2004 passou a ser da UFCG. O campus de Campina Grande se desmembrou de João Pessoa e se tornou UFCG. Bom, aí a própria disciplina do mestrado já era essa formação. Aí passou a ser incorporado não nos meus orientandos, vários alunos do mestrado e doutorado passaram a incorporar referências que trabalharam na disciplina, era uma disciplina obrigatória da grade de pesquisa. Era um diferencial. Por exemplo, a questão da memória quase todo mundo passou a ter mais cuidado quando trabalhava com entrevistas, era um pouquinho mais de preocupação com a memória, a gente teve no projeto essa formação. Era estar atento de que se tratava de um ato de um trabalho de memória, de uma visão do passado a partir do presente. Acho que foi legal, foi interessante e muitos alunos queriam fazer mais e procurar e eu dava leitura complementar. Era um curso rápido, introdutório e a gente dividia em dois créditos. Então, no mesmo semestre eles tinham que fazer etnografia e história oral. Acho que a gente dava aula a cada quinze dias, não me lembro muito bem... Lembro que eram dois créditos, não era toda a semana, a etnografia e a história oral. Eram oito seminários, então muitos deles pediam uma indicação extra.

Com os meus alunos, meus orientandos, no grupo de pesquisa nós em geral tínhamos uma discussão permanente sobre o próprio método. Como que nós fazíamos isso? Nós fazíamos lendo entrevistas realizadas por uma equipe. Sempre tive projeto, pelo menos nos últimos dez anos, por exemplo, acho que o primeiro foi sobre juventude, tive um financiamento do CNPQ, acho que era um desses editais universais de grupos de pesquisa, sabe? Aí envolvia técnicos no projeto. O de juventude todo utilizou história oral. Nós fizemos vários exercícios assim, por exemplo, alguém fazia uma entrevista, nós trazíamos o áudio e aí descobri que Paul Thompson fazia isso na Inglaterra também. Eu estava fazendo doutorado e assisti uma aula dele, então tive uma expectativa muito alta de que seria um discussão metodológica, epistemológica com mais fôlego, cheguei lá era essa oficina! Então, tomei trem, fiz uma viagem longa de Manchester

para Colchester, a universidade era Essex. Aí cheguei lá toda animada, falei: "aí eu vou aprender aqui um pouquinho dessa discussão epistemológica", mas cheguei lá e era essa oficina. Nós fazíamos um pouco isso de ouvir o áudio e fazer uma análise crítica e reflexiva sobre a conduta da entrevista que cada um fez. É uma coisa interessante porque, por exemplo, a questão das intervenções exageradas do entrevistador, no momento em que precisava intervir, intervinha sem pensar, mas para desenvolver mais o tema deles não intervinha. Às vezes, quando era para deixar a pessoa falar por mais tempo sobre um tema, o entrevistador ia e interrompia, enfim... Isso aí não tem receita. A gente chegou a fazer também discussões sobre a transcrição, como está sendo transcrito, tentando seguir um pouco aquela orientação da Verena no *Manual de História Oral*. O que eu me lembro de formação vai um pouco por aí.

VBM - Marilda, você pensou, ao longo dessa trajetória, em publicar alguma coisa metodológica que caracterizasse um pouco o processo do seu grupo de fazer entrevistas?

MAM - Ai nunca pensei, Valéria. E então isso é uma coisa que a gente vai deixando, por conta da correria, da graduação, da carga que a gente tem que cumprir. O grupo se reunia em duas horas, tinha que sair correndo da aula, enfim a pressão do cotidiano, eu nunca sistematizei, nem em termos de anotação. Aliás eu estou pensando agora com você...

VBM - Uma das coisas que vêm acontecendo nessas minhas entrevistas é que os pesquisadores falam "nossa, eu nunca tinha pensado na minha trajetória como pesquisador". Então, acho que é interessante esse processo da história oral.

MAM - É, inclusive, você falando: "você como um grupo", não era a intenção, a minha experiência foi sempre a de estar trabalhando, mas eu nunca fiz isso de um modo planejado: "um grupo, porque aqui é um grupo de história oral", nós não temos um grupo de história oral na UFCG, mas de certo modo eu estava, de diferentes formas, olhando a metodologia, mas não é, por exemplo, como você com o GEPHOM, ou como o CPDOC, ou o grupo do Meihy, sabe? Acho que é um pouco como eu sou mesmo, não institucionalizei muito a minha experiência, fiz muito pouco, enfim, é um pouco a minha trajetória. Na UFCG eu fiz muitas coisas, mas não institucionalizei nada.

VBM - Talvez no futuro, por exemplo, você falou da aproximação com análise de narrativa, análise de discurso e muitas vezes as pessoas da história oral não fazem, talvez eventualmente você possa publicar essas especificidades do seu trabalho. Justamente por isso, que eu acho que você formou muitos alunos, hoje professores, que acabaram se inspirando no seu trabalho.

MAM - Depois de você terminar as entrevistas todas, quando você transcrever, aí vai ser legal para a gente também, porque vamos poder pensar. Por exemplo, nessa pesquisa com as entrevistas que nós estamos fazendo na UFABC, é junto com a equipe da diretoria da AMAA - Associação dos Metalúrgicos Anistiados e Anistiandos do ABC - é o pessoal todo do grupo

do Lula. Já coloquei para o pessoal: “a gente tem uma entrevista de manhã e logo depois do almoço se reúne em uma pequena oficina para pensar sobre a entrevista”. Já falei para as pessoas todas e eu mesma tenho que me organizar porque está sendo uma experiência muito rica, é isso que você estava falando.

A gente tem que registrar essa memória, né? É assim que eu acompanho a minha trajetória de trabalhar com história oral, eu não sei se seria possível, mas eu vi pelo Paul Thompson, do grupo dele, ele tinha uma experiência de pesquisa que era composta por todos os profissionais de diferentes áreas. A meu ver, uma coisa que me angustia muito da história oral é o limite da análise que nós desdobramos do ponto de vista das Ciências Sociais. Acho que seria bom se nós tivéssemos uma experiência pequena, como um seminário com o pessoal da psiquiatria, da psicologia, antropólogos, historiadores, sociólogos e talvez das neurociências.

Ainda agora nessa reunião que a gente teve na oficina, eu falei isso porque o pessoal da AMAA, os sindicalistas, pediram uma oficina sobre história oral, sobre entrevistas. Eu coloquei um pouquinho a minha concepção de memória, falei de vários autores e eu falei exatamente isso: “olha, esse daqui é o limite das Ciências Sociais”. Porque tem esse distanciamento, né? E o tema da memória é um tema precioso para essas áreas. Eu imagino que a PUC, na psicologia da PUC tenham pessoas da área...

VBM - Marilda, você gostaria de falar um pouquinho sobre a importância da história oral para os estudos migratórios?

MAM - Voltando à questão do qualitativo... Como eu disse, não tenho preconceito quanto ao quantitativo, mas no caso da história oral acho que é uma metodologia de uma riqueza e uma potencialidade enorme, e que se combina com uma perspectiva de migrações que é a perspectiva centrada nos sujeitos sociais, centrada nos migrantes e não nos processos migratórios, vejo por aí a importância. Quando você partilha da concepção de que os estudos migratórios precisam centrar no sujeito e não nos processos em si, então necessariamente a gente teria que se apoiar em termos metodológicos na história oral, aí é uma discussão teórica. Na teoria das migrações a gente teria perspectivas mais macroestruturais, por exemplo, eu me situaria mais em uma que tenha componentes de explicações estruturais e explicações mais a nível do sujeito, as singularidades das experiências individuais, mais essa perspectiva que tenta o meio termo, nem o total, vamos dizer, subjetivismo, mas também não só a estrutural. Mesmo assim, a perspectiva da metodologia da história oral é central para se compreender o que eu chamo de experiência migratória. Aqui, estou compondo tanto a perspectiva de uma determinada questão teórica das migrações, quanto a questão teórica na História mais do Edward Thompson, na linha de História Social, que centra nos sujeitos sociais e não nos processos. A noção de experiência, a meu ver, quando eu uso esse termo “experiência dos

migrantes”, é sempre pensando na perspectiva Thompsoniana. É a forma como esses indivíduos, mulheres e homens, jovens, crianças, velhos, idosos, tratam a sua experiência de migração, de trabalho, como eles elaboram em termos da narrativa que eles estão apresentando a nós, em termos da memória, porque não é a experiência em si, é uma elaboração dessa experiência.

Aí, a noção de experiência é central porque é a forma como cada um trata essa experiência. É claro que, sem dúvida, nós identificamos narrativas comuns, experiências em comum, há várias entrevistas que a gente acaba desdobrando em uma memória coletiva sobre determinadas experiências migratórias, em termos de experiências de trabalho, de família, mas mesmo assim eu acho muito interessante a perspectiva que o Portelli nos ensina: mesmo com toda essa recorrência de uma construção mais de memória coletiva, é muito interessante também perceber o que a gente chama de singularidades das inscrições individuais dessa memória, as dissonâncias, as experiências dos indivíduos. Aí é fundamental porque, desse modo, nós entendemos que as migrações são um processo social, histórico, que envolve multidões, envolve grupos populacionais. Experiências de grupos populacionais marcam a história de períodos históricos, marcam a história de territórios, marcam a história de países, mas, ao mesmo tempo, elas são inscritas dessas subjetividades, da forma como os indivíduos experienciam e relatam. Disso não tem como abrir mão da história oral, nessa concepção das migrações centradas no sujeito e na experiência.

Isso é uma coisa, a outra que eu vejo está associada também a essa ideia da experiência, da centralidade da agência dos migrantes. É o registro histórico da memória desse sujeito que, na grande maioria, não tem registros escritos, então são sujeitos sem objetos escritos. Eu compartilho totalmente da perspectiva do Paul Thompson, não propriamente de dar voz, mas do registro da voz. Porque eles têm vozes, só que não estão em um registro de duração como um áudio, como um texto escrito. Eles nunca deixaram de ter voz, eles sempre tiveram a voz expressa nos mais diferentes status da sua vida social. Ao garantir o registro, nós estamos garantindo que eles tenham também, de certo modo, um espaço de memória na história. É um trabalho político nosso também de construir um pouco esse lugarzinho dessas vozes.

VBM - Marilda, vou encerrar agradecendo a sua participação e também dizendo que deveríamos estreitar esses contatos, tanto com você, quanto com as outras pessoas que eu entrevistei. No futuro, se possível, até fazermos uma rede de pesquisadores das migrações do Nordeste para o Sudeste, que eu acho que é um grupo bastante específico. Não é a área mais privilegiada nos estudos migratórios, tem bastante estudo sobre isso, mas não são tantos, se compararmos com outros, principalmente quando falamos das metodologias que levam a esses estudos. Gostaria muito de, no futuro, reunir esses pesquisadores em algum momento, propiciar

esse encontro e, se possível, eventualmente até produzirmos uma publicação conjunta, vamos ver se a gente consegue. Eu agradeço muito pela entrevista.

**Referências.**

MENEZES, Marilda A. **Histórias de migrantes**. São Paulo: Loyola, 1992.

MENEZES, Marilda A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes**: um estudo de famílias de camponeses migrantes. RJ: Relume Dumará, JP: Ed. UFPB, 2002.